

O clã Gracie e a invenção do jiu-jítsu brasileiro: identidade, performance e cultura, 1905-1993

José A.T. Cairus¹

Resumo: A prática do jiu-jítsu, arte marcial japonesa chega ao Brasil no início do século XX incentivada pela intelectualidade republicana como estratégia de promover atividades eugênicas de cunho modernizante. Na impossibilidade de promover a capoeira, que simbolizava um passado recente incômodo e estava associada à criminalidade e à escravidão o jiu-jítsu poderia ser o futuro. Atraídos pelas performances japonesas membros de uma família pretensões aristocráticas, os Gracie, que doravante se auto investem no papel de principais recipientes da técnica japonesa. Isto resulta em um processo de aculturação abrangente em um modelo análogo ao sugerido por Appudurai no processo de “indigenização” do Críquete na Índia. O fenômeno ensejou uma análise pelo viés teórico de Bourdieu que enfatiza a simbiose entre esporte e classe. A aculturação do jiu-jítsu culmina com sua modelagem à imagem e semelhança da cultura local sob influência do nacionalismo e patriarcalismo forjados em desigualdade e violência. Recentemente o jiu-jítsu brasileiro foi exportado em escala global dando origem a uma indústria de performance violentas em um processo similar ao proposto por Archetti sobre a exportação de híbridos argentinos. O trabalho foi resultado de pesquisa em arquivos no Brasil, Estados Unidos, Japão e Escócia e analisa como setores tradicionais da elite brasileira importaram e reinventaram tendências globalizantes como contraponto na formação de uma identidade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Identidade, Nacionalismo, Cultura.

Em novembro de 1993, quase oitenta anos após os japoneses introduzirem o jiu-jítsu na Amazônia, um praticante desta arte marcial se apresenta na McNichols Arena localizada na cidade de Denver, capital do estado norte-americano do Colorado.² O evento, batizado *Ultimate Fighting Championship*³ foi criado por Rorion Gracie, um brasileiro radicado nos Estados Unidos e previa um confronto entre diversos estilos de artes marciais a ser transmitido por televisão a cabo pelo sistema *pay-per-view*.

As primeiras três edições do torneio foram surpreendentemente vencidas por Royce Gracie, meio-irmão de Rorion, que apesar de seu físico ordinário, derrota adversários consideravelmente maiores e mais fortes. Outrossim, os confrontos disputados em um ringue octogonal em formato de jaula, caracterizavam-se pela quase ausência de regras o que

¹ Doutor em História (*Doctor of Philosophy*) atualmente realizando estágio docente e de pesquisa Pós-Doutoral, PNPd/CAPES no PPGH-UDESC. Bolsas e fundos para pesquisa concedidos para o trabalho que deu origem ao presente artigo foram concedidos pela Faculty of Graduate Studies, York University, Toronto, Canadá. E-mail: tuffy60@gmail.com.

² O evento foi disputado na McNichols Arena em Denver, Colorado em 12/11/1993 perante uma plateia de quase 8.000 espectadores e assistido por 86.000 telespectadores no sistema *pay-per-view*.

³ Doravante mencionado pelo acrônimo UFC.

imprimia ao espetáculo um teor de violência gráfica inédita mesmo em competições similares.⁴

A atuação do brasileiro repercutiu profundamente no mundo globalizado das artes marciais até então dominado por estilos oriundos do Extremo Oriente. O evento deu origem a uma indústria bilionária de entretenimento e promoveu a prática do jiu-jítsu brasileiro em escala planetária. Contudo, mais significativo para a minha análise no presente artigo, o “circo eletrônico” de performances violentas dos Gracie resulta na exportação de praticantes brasileiros de jiu-jítsu. Assim, esta arte marcial se torna mais uma mercadoria cultural brasileira globalizada juntamente com futebol e o samba (ARCHETTI, 1999). A difusão destes tratos culturais é invariavelmente associada à uma brasilidade construída ou mesmo idealizada. No aspecto sociocultural, o futebol e o samba, não obstante as origens alienígenas e elitistas do primeiro e as raízes nativas e populares do segundo, foram ambos transformados em metáforas identitárias coletivas construídas em meio a discursos nacionalistas e como corolários de uma sociedade supostamente igualitária (RODRIGUES, 2004). A prática do jiu-jítsu, no entanto, percorre, ao longo do século passado, uma trajetória diversa e mais complexa. É introduzido como uma escola de educação física oriental para uma classe média emergente, é aculturado para servir como sistema de defesa pessoal de uma elite e finalmente transforma-se em uma arte marcial brasileira massificada e globalizada via sua expansão na classe média carioca.

A introdução do jiu-jítsu, no início do século passado, foi uma inovação de caráter modernizador, e acima de tudo, um projeto de cunho eugênico, que tinha como objetivo promover práticas esportivas para uma classe-média urbana emergente (CAIRUS, 2012). Porém, por volta da I Guerra Mundial, na Amazônia, membros de uma família carioca de origem escocesa com pretensões aristocráticas tornam-se os principais receptores e divulgadores do jiu-jítsu como símbolo da modernidade oriental no Brasil.

Entre a década de 1930 e a de 1950, Carlos e Hélio, membros da família Gracie, promovem um processo gradual de aculturação de aspectos técnicos e filosóficos do jiu-jítsu japonês.⁵ Para analisar este fenômeno, eu utilizei o modelo de “indigenização” da prática do críquete, de origem britânica, na Índia colonial. Neste processo, Appadurai sugere que os indianos aculturaram o críquete por meio de um processo gradual e binário dividido em formas culturais “brandas” e “duras” (APPADURAI, 1996). As primeiras abrangem os rituais

⁴ O ringue em formato de octógono foi criado por John Millius, um profissional de cinema norte-americano.

e formas, que em tese, seriam mais suscetíveis a mudanças em um novo meio-ambiente cultural. Isto fica evidenciado na substituição, na curta duração, de rituais japoneses, aspectos filosóficos e normativos (formas brandas) por congêneres locais (CAIRUS, 2012).⁶ As ultimas, as chamadas formas duras, são constituídas por técnicas e movimentos corpóreos mais resistentes a mudança cujas transformações são mais lentas e ocorrem na longa duração.⁷

Ao modelo exposto acima, no entretanto, é necessário se adicionar algumas variáveis para se entender o processo aculturativo do jiu-jítsu japonês no Brasil. A primeira dessas nuances concerne a forma de transmissão heterodoxa que caracterizou a relação entre os Gracie e os artistas marciais japoneses na Amazônia (CAIRUS, 2012).⁸ Em razão de peculiaridades circunstanciais, o programa ensinado aos Gracie refletia este momento: eram técnicas de jiu-jítsu tradicional vagamente baseadas nos fundamentos pedagógicos e filosóficos da Kodokan, a escola de jiu-jítsu moderno que adota gradualmente a denominação atual “judô.”⁹ Isto resultou na transmissão parcial do jiu-jítsu o que se refletiu na ausência de alunos graduados ou “faixas-preta”¹⁰, no jargão das artes marciais, formados naquele período na Amazônia (CAIRUS, 2012). Por outro lado, de forma paradoxal, este aprendizado fragmentado e efêmero transmitido a Carlos Gracie em Belém, capital paraense, deixou-o livre dos dogmas rígidos da Kodokan, abrindo caminho para a aculturação do jiu-jítsu e a subsequente criação de um estilo local. O ponto de partida do processo é marcado pela primeira escola de “jiu-jítsu” aberta pela família Gracie no Rio de Janeiro, em setembro de 1930.¹¹ Igualmente importante para o futuro do jiu-jítsu brasileiro, a modesta escola de Carlos Gracie se encontrava a poucos quarteirões do epicentro decisório da capital brasileira. Em novembro de 1930, as tropas gaúchas amarraram seus cavalos no obelisco do centro do Rio de

⁵ Carlos, (1901-1994) e Hélio (1913-200) nasceram em Belém, filhos do carioca Gastão Gracie e da cearense Cezalina Pessoa Gracie.

⁶ Na categoria de formas culturais “brandas” japonesas substituídas pelos Gracie, eu destaco três. A substituição do *rei-ho* (cumprimento tradicional japonês) pelo aperto de mão. A substituição de regras de competição previstas pela Kodokan por regulamentos locais e a substituição da hierarquia de faixas da Kodokan por uma classificação concebida pelos Gracie.

⁷ Estas mudanças ocorreram de forma gradual e essencialmente não resultou em mudanças radicais das técnicas japonesas. No Brasil, as inovações se manifestaram no aperfeiçoamento dos movimentos originais e no desenvolvimento de variantes da matriz técnica japonesa.

⁸ Os artistas marciais japoneses, a despeito das credencias de mestres de jiu-jítsu estilo Kodokan (judô), desembarcam em Belém no final de 1915 como artistas de entretenimento. Por sua vez, a família Gracie na ocasião, estava envolvida em empreendimentos circenses. Portanto, não houve uma transmissão de conhecimento da luta japonesa nos moldes tradicionais.

⁹ A Kodokan foi uma escola de judô (na época ainda chamado pela denominação genérica jiu-jítsu) fundada, em 1882, pelo educador japonês Jigoro Kano em Tóquio.

¹⁰ O sistema de promoção de faixas usado na atualidade por quase todas disciplinas de arte marciais foi concebido por Jigoro Kano ao fundar a Kodokan. A “faixa-preta” marca, no sistema criado por Kano, o fim do aprendizado básico e o início do aprendizado avançado.

¹¹ Fundada em 08/09/1930 no bairro carioca do Flamengo.

Janeiro, enquanto Getúlio Vargas assumia o poder no Palácio do Catete. O discurso nacionalista da Era Vargas deu suporte fundamental ao processo de invenção de um estilo brasileiro do jiu-jítsu japonês. Além disso, o regime legitimou esta transformação ao adotar o jiu-jítsu como um dos sistemas de defesa pessoal adotado pelas forças de segurança criadas pelo Estado autoritário na década de 1930.¹²

Por último, concernente ao processo inicial de aculturação, por uma perspectiva construtivista, os confrontos públicos entre membros da família Gracie e os imigrantes japoneses concentrados em São Paulo, moldaram o estilo brasileiro de jiu-jítsu.¹³ Nestes confrontos, ocorridos entre o final da década de 1920 e ao longo da década de 1930, fica claro a superioridade técnica japonesa no combate em pé seguindo tendências técnicas estabelecidas no Japão. Porém, a especialização no combate em pé resulta na negligência gradual do combate no solo. Este vácuo técnico é rapidamente percebido e ocupado pelos Gracie que passam a se especializar na luta no chão para sobreviver aos primeiros combates com os artistas marciais japoneses.

Um aspecto fundamental para se entender a razão da família Gracie se destacar, entre tantos outros brasileiros praticantes de jiu-jítsu, está relacionado as suas raízes aristocráticas no século XIX e consequente inserção na tradicional elite carioca. Apesar da decadência financeira que afligia a família nas primeiras décadas do século passado, o capital social se mantinha quase intacto na década de 1930 resistindo as intempéries do discurso modernizador da Era Vargas (CAIRUS, 2012). Portanto, esta *asabiyah*¹⁴ patricia foi fundamental para que os Gracie, mesmo combalidos financeiramente, tivessem acesso aos novos do poder, lhes garantiu uma clientela de alto poder aquisitivo, os concedeu impunidade nos arroubos públicos de violência, e por certo, contribuiu para que frequentassem com assiduidade as páginas dos jornais da época.¹⁵ Para o sociólogo Pierre Bourdieu a prática de esportes e classe social *habitus* estão intrinsecamente ligados (BOURDIEU,1990). Ao se apropriarem da prática do jiu-jítsu no Brasil e ao mantê-la separada do judô, estilo de jiu-jítsu predominante

¹² Os Gracies foram contratados para ensinar jiu-jítsu na recém-criada Policia Especial. Esta foi um corpo de gendarmes, criado em 1932 dentro da Policia Civil do Distrito Federal, particularmente devotado ao regime autoritário de Vargas. Esta tropa de choque foi concebida nos moldes de outras do gênero criadas nos regimes totalitários europeus e o recrutamento de seus membros era baseado, quase exclusivamente, em dotes físicos e estéticos.

¹³ As décadas de 1920 e 1930 marcam o pico da imigração japonesa. Entre os milhares de imigrantes que desembarcavam no Brasil, havia uma grande quantidade de praticantes de judô, então ainda chamado jiu-jítsu.

¹⁴ Ethos coletivo, segundo a definição do intelectual árabe muçulmano Ibn Khaldun.

¹⁵ Os Gracie, em virtude de sua decadência econômica, seriam o que Brian Owensby definiu como *declassé*. Isto é “descendentes de famílias tradicionais que junto com outros segmentos, lutavam para se ajustar aos desafios e

no Japão pós-Meiji, os Gracie o moldam no Brasil a sua imagem e semelhança. Isto implicou em transforma-lo em uma prática introduzida para uma classe média em um esporte de combate para uma elite (RODRIGUES, 2004).¹⁶

Na década de 1950, a criação de um estilo brasileiro de jiu-jítsu ganha novo fôlego e confunde-se com um processo de “gentrificação”. Isto significou, não apenas em transformá-la em uma prática esportiva para poucos, mas concebe-la como um instrumento efetivo de defesa pessoal para que os filhos da elite local nos domínios “hobbesianos” das ruas cariocas.¹⁷ Este projeto foi concretizado com a inauguração de uma sofisticada “academia”¹⁸ de jiu-jítsu no centro financeiro da capital da república. Demonstrando o vigor dos laços que uniam os Gracie a seu “grandeur” pretérito, o novo centro de treinamento estava localizado na mesma vizinhança em que família mantinha suas operações financeiras no Segundo Reinado.¹⁹

De forma análoga ao formato definitivo de esporte de combate elitista imprimido ao jiu-jítsu, a década de 1950 foi um divisor de águas no que concerne ao espaço midiático concedido aos Gracie. Catapultados pelo mais poderoso conglomerado de comunicação da época, os Diários Associados, os Gracie tornam-se presença constante nas páginas de *O Cruzeiro*, a revista de maior circulação no Brasil.²⁰ Ao contrário das décadas anteriores, quando suas aparições ainda que constantes se limitavam as seções esportivas dos jornais e revistas, durante toda a década de 1950 a família Gracie transformou-se em um dos ícones preferidos no mundo imaginado pelo “barão” da mídia brasileira Assis Chateaubriand.²¹ Assim, os Gracie desfilavam nas páginas de *O Cruzeiro*, como paradigmas de masculinidade

incertezas crescentes em um ordenamento social diversificado e competitivo que havia erodido a hierarquia de uma sociedade escravista”.

¹⁶ Ao contrário do futebol, introduzido como prática aristocrática no final do Oitocentos e popularizado nas décadas seguintes.

¹⁷ As aulas na sofisticada Academia Gracie eram extremamente caras o que as tornavam acessível a uma clientela de alto poder aquisitivo. Na ocasião os Gracie criam um programa de defesa pessoal, baseado em técnicas jiu-jítsu, para uma seleta clientela.

¹⁸ O termo “academia” tão comum para designar em estabelecimentos para a prática de artes marciais foi mais uma inovação dos Gracie. Estes, na época da inauguração de sua primeira “academia”, se diziam, como mestres de jiu-jítsu, portadores de um “conhecimento superior e científico” que justificaria o uso do termo.

¹⁹ Os Gracie eram financistas que enobreceram via estratégias matrimoniais e pela compra de títulos.

²⁰ A revista semanal *O Cruzeiro*, uma espécie de “joia da coroa” do império de comunicação criado por Chateaubriand, revolucionou a imprensa escrita no Brasil introduzindo o conceito de fotojornalismo copiando modelos norte-americanos e europeus. No seu pico de circulação, em 1954, alcançou a marca de 720.000 copias. A linha editorial da revista obedecia piamente a visão de Chateaubriand cujo nacionalismo caboclo e anticomunista pregava a instauração de um processo civilizatório com apoio do capital internacional e a reeducação através do capitalismo como solução para o subdesenvolvimento brasileiro endêmico.

²¹ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello nasceu no sertão da Paraíba em uma família de classe média. Como resultado de sua impressionante ascensão social, tornou-se dono do maior conglomerado midiático no Brasil entre 1945 e 1964.

ao lado de candidatas em concursos de beleza, ao lado de políticos como símbolos da moralidade nativa e mesmo posavam como exemplos de família moderna. Este último aspecto rendeu uma longa reportagem recheada de imagens do clã Gracie criado por Carlos, o pioneiro da família na prática do jiu-jítsu. O que a reportagem chamava de exemplo de uma “família brasileira moderna” era na verdade uma prole numerosíssima, fruto de um comportamento sexual peculiar adotado por Carlos que aparentemente disfarçava práticas patriarcais em crenças esotéricas.²² Estas, aliadas a uma dieta vegetariana plagiada de um médico argentino, foram incorporadas ao processo de reinvenção do jiu-jítsu japonês pela família Gracie.²³

A exposição dos Gracie na mídia nos anos 50, não se restringiu a imprensa escrita, mas se estendeu ao rádio, ao cinema, à história em quadrinhos e a recém-nascida televisão.²⁴ Esta superexposição, ressaltou-se, ganha contornos dramáticos levando-se em consideração o papel que a mídia de massa passa ocupar no pós-guerra não apenas no cotidiano dos brasileiros de qualquer classe social, mas na formação de uma brasilidade por meio de um processo dialético envolvendo as elites nacionais e multinacionais, o estado e a cultura local (STRAUBHAAR, 1991).

No plano político, de forma análoga ao ocorrido na década de 1930 quando foram indubitavelmente beneficiados pelo ambiente de nacionalismo radical, na década de 1950 os Gracie e a prática do jiu-jítsu se inserem em uma atmosfera nacionalista, desta feita permeada pelo populismo desenvolvimentista.

Para tanto, além da presença maciça nos meios de comunicação os Gracie, repetindo a estratégia anterior, enfrentam seus eternos rivais japoneses em 1951 nos mesmos estádios que o futebol brasileiro havia sido humilhado pela “Celeste Olímpica” no ano anterior. Ao contrário da seleção brasileira, que segundo alguns, teria se acovardado devido a presença de negros e mestiços, Hélio Gracie, branco e de origem aristocrática emerge de duas lutas com os

²² Isto resumia-se em práticas espiritualistas em que Carlos Gracie dizia incorporar uma entidade nativa peruana e a adoção de um código que pregava a prática sexual apenas para fins reprodutivos, fosse dentro de uma relação formal ou mesmo em relações fortuitas.

²³ Dieta vegetariana criada pelo médico naturista argentino Juan Esteve Dullin.

²⁴ Em 1955, Hélio Gracie apresentava um programa chamado “O Campeão” na Rádio Tupi no qual narrava suas “aventuras” promovendo “justiça”, e pontuadas por “senso de lealdade” e na “defesa dos fracos”. Em 1958, foi lançada uma revista de história em quadrinhos com o título “A verdade sobre os Gracie: drama da vida real”.

Em 1959, os Gracie comandaram um show de lutas de “Vale-Tudo” na TV Continental chamado Heróis do Ringue.

japoneses como herói nacional.²⁵ Contudo, a modernidade brasileira é simbioticamente ligada à tradição e consequentemente as suas mazelas (CARVALHO, 1992). Entre elas o racismo luso-brasileiro endêmico cuja relativa invisibilidade o permite sobreviver as vicissitudes dos discursos modernizadores. Em 1955, em um episódio cercado de polêmica e amplamente coberto pela imprensa, Hélio Gracie é derrotado por seu único aluno negro, Waldemar Santana, em um combate sangrento assistido por uma numerosa plateia.²⁶ Não bastasse a humilhação pública, os Gracie se tornam alvos da pena afiadíssima de Nelson Rodrigues, um dos mais mordazes críticos de costumes no Brasil em qualquer tempo. Rodrigues, que foi espectador do combate, em um texto ácido, cheio de simbolismos e metáforas observa que um racismo velado, ignorado solenemente pelo resto da imprensa, foi o elemento fundamental na disputa.²⁷ Temporariamente encurralados “nas cordas” pela crítica inspirada de Nelson Rodrigues, os Gracie são resgatados por uma coligação de jornalistas ligados ao Diários Associados capitaneada pelo igualmente polêmico David Nasser. Este contra-ataca empregando a armas mais eficaz no arsenal para manutenção da desigualdade brasileira: a “democracia racial”.²⁸ Ao final do duelo midiático e na iminência de danos irreparáveis a reputação pública dos Gracie, até mesmo Nelson Rodrigues, crítico incansável do racismo à brasileira, mas também um conservador, junta-se a catarse patriótica coletiva com intuito de salvar a reputação daqueles que haviam se transformado em “personagens maiores do que a vida” de uma era.²⁹

Com o advento do Regime Militar em 1964 e a instauração da nova ordem, os Gracie e sua arte marcial são temporariamente marginalizados. Por mais paradoxal que isto possa parecer pois os Gracie tinham no passado flertado com Integralismo e sempre cultivaram laços com regimes autoritários.³⁰ No entanto, o estranhamento entre o regime dos generais e os Gracie é fruto de conjuntura, mas, acima de tudo, é essencialmente orgânico.

Ressalte-se que havia uma identificação intensa entra a família, e por extensão do jiu-jítsu, com o populismo. Portanto o comportamento idiossincrático dos Gracie, nas esferas

²⁵ Em 1951, Hélio Gracie enfrentou dois lutadores japoneses, respectivamente, nos estádios do Maracanã (Rio) e no Pacaembu (São Paulo).

²⁶ Waldemar Santana, um negro baiano, contratado como roupeiro e faxineiro na Academia Gracie, se torna um atleta de elite de jiu-jítsu. Após uma discussão com Hélio Gracie Santana é expulso da academia e desafia seu mestre para uma luta sem regras (Vale-Tudo). O desafio acontece na sede lotada da ACM (Associação Cristã de Moços) no Rio de Janeiro e dura 3 horas e 45 minutos sem intervalos.

²⁷ Sobre a luta, Nelson Rodrigues escreveu um longo artigo com título “O preto que tinha a alma preta” publicado no jornal “Última Hora” em 26/05/1955, p. 2.

²⁸ Davi Nasser escreveu o artigo “Não lute Hélio” na revista O Cruzeiro em 24/12/1955, p. 65-66.

²⁹ Nelson Rodrigues, “Os cúmplices de Waldemar” publicado no jornal “Última Hora” em 08/06/1955, p. 2.

³⁰ Hélio Gracie foi afiliado ao Integralismo e servidores devotados do Estado Novo.

pública e privada, era ignorado ou mesmo celebrado. Para piorar, a conjuntura desfavorável aos Gracie, dois episódios contribuem para deteriorar o relacionamento da família com o novo establishment. Carlos e Hélio, dois dos principais membros da família de lutadores, tornam-se réus em um processo rumoroso, com acusações relacionadas a adultério, fraude, estelionato e plágio, feitas por um ex-associado, que por décadas, privara da intimidade da família.³¹ Nunca é demais lembrar, que os militares assumiram o poder apoiados por setores conservadores, incluindo-se neste grupo setores da mídia.³² Outra variável neste processo deletério, tem sua origem no envolvimento de dois jovens lutadores da família, Carlson e Robson, como o líder proscrito e inimigo do regime Leonel Brizola.³³ Assim, ambos os casos contribuem para um crescente antagonismo, sutil, mas crescente se desenvolve entre os militares e os modelos de “super-homens” da Era Vargas.³⁴

O alinhamento ideológico do regime militar com o Estados Unidos durante a Guerra Fria é igualmente importante para se entender o ocaso dos Gracie durante a ditadura. Esta relação especial refletiu-se também nos programas de treinamento das tropas e de atividades esportivas cultivadas no âmbito militar. Até aquele momento, o jiu-jítsu dos Gracie era usado pelos militares brasileiros como sistema de defesa pessoal, mas com a adoção do modelo norte-americano o judô o substitui em todos os níveis.³⁵ A origem desta mudança se remete ao Japão pós-guerra quando os militares norte-americanos suspenderam a proibição à prática de artes marciais feita após o armistício e adotaram o judô Kodokan para fins militares e esportivos.³⁶

Outro a ser enfatizado é que o judô japonês servia melhor aos propósitos do novo regime pois possuía uma estética e organização *quasi* militarista baseada nas normas estoicas do *bushido* que era uma antítese do exibicionismo e individualismo dos Gracie.³⁷ Por último, judô Kodokan renasceu das cinzas da derrota como epitome da ressurreição japonesa pós-

³¹ Oscar de Santa Maria, um alto funcionário do Banco do Brasil, tinha uma relação íntima com a família desde a década de 1930.

³² Apoio de setores conservadores da mídia como as Organizações Globo, da Igreja Católica e de grupos como o CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia).

³³ Ambos filhos de Carlos Gracie. Os dois tiveram um papel destacado na proteção e fuga de Leonel Brizola para o Uruguai em 1964. Carlson foi intimado, interrogado e liberado pelos órgãos de segurança. Robson, no entanto, foi detido e segundo ele torturado. Posteriormente, ele teria sido posto em liberdade graças à intervenção de seu tio, Hélio, junto ao General. Joao Batista Figueiredo, que frequentava a Academia Gracie em caráter privado.

³⁴ Roberto Marinho mantinha relações com a família Gracie, mas advertiu os últimos que seus jornais iriam dar apoio a Oscar de Santa Maria na batalha judicial contra Carlos e Hélio.

³⁵ O jiu-jítsu é ensinado para forças de segurança desde 1932 e nas forças armadas desde do início do século.

³⁶ A força aérea norte-americana foi a primeira, dentre as forças armadas daqueles pais, a adotar a prática do judô no Japão ocupado contribuindo assim para suspender o banimento imposto pela administração do General Douglas Mac Arthur.

guerra e transformou-se em arte marcial globalizada culminando como o status olímpico alcançado na Olimpíada de Tóquio em 1964. Portanto, o judô abria um mundo de possibilidades para novo regime angariar prestígio internacional e promover intercâmbios politicamente proveitosos o que seria impensável com uma arte marcial somente praticada no Brasil cujo conhecimento era monopolizado pela família Gracie.³⁸

O período de exílio doméstico na mídia e da proximidade com o poder *grosso modo* se estende até a década de 1980. Entrementes, porém, na década de 1970, entrincheirados nos domínios burgueses da Zona Sul carioca os Gracie promovem uma pequena revolução de costumes e técnica que abriria caminho para a expansão da prática entre a classe média na década de 1980 e a globalização do jiu-jítsu na década de 1990. Os protagonistas neste processo foram Carlson e Rolls, filhos de Carlos Gracie e produtos do comportamento sexual posto em prática pelo patriarca da família. Carlson, filho mais velho de Carlos com uma afrodescendente, havia assumido o papel de campeão do clã após a aposentadoria de seu tio Hélio Gracie, em 1955, como resultado da derrota do último para seu pupilo Waldemar Santana. Rolls, produto de um relacionamento fortuito com uma italiana, juntou-se ao meio-irmão e dividiam uma academia em Copacabana. Carlson, após uma vitoriosa carreira de lutador de Vale-Tudo, modalidade de combate que confronta diversos estilos de artes marciais, decide mudar a orientação elitista, que até então vigorava entre os Gracie, e passa a ensinar jiu-jítsu para a classe média de Copacabana.

Rolls Gracie, por sua vez, era um típico representante da subcultura praiana que teve como principal referência a estreita faixa de areia adjacente ao píer do emissário submarino construído em Ipanema no início da década de 1970. Nesta mesma área, conviviam harmoniosamente diversas tendências libertárias. Entre estas “tribos” da *urbs* ipanemense destacava-o movimento chamado “Desbunde” que reunia intelectuais de esquerda, militantes da resistência ao regime e artistas que buscavam refúgio na contracultura após os dramáticos “Anos de Chumbo” (HOLLANDA, 2004).

Rolls, atlético e destemido, pertencia ao grupo que por sua alienação política fazia o contraponto ao ativismo político do “Desbunde” e que fazia da prática do surf, importado da Califórnia e outros esportes radicais, um estilo e filosofia de vida.³⁹ Estes hábitos, das gerações de jovens “bem-nascidos” da Zona Sul que intercalavam as muitas horas de lazer

³⁷ *Bushido* é o código guerreiro criado no período Tokugawa (1603-1868) cujos valores permaneceram no cerne das artes marciais japonesas modernas.

³⁸ É sintomático que o regime militar promove já em 1965 o Campeonato Mundial de Judô, pela primeira vez, sediado em terras brasileiras.

entre academias de jiu-jítsu e a praia, são incorporados pelos jovens de classe-média carioca nas décadas seguintes.

No aspecto técnico da prática do jiu-jítsu, Rolls foi responsável por um intercâmbio com outras disciplinas marciais, como por exemplo, o judô, a luta-livre olímpica e o Sambo.⁴⁰ As experiências promovidas por Rolls resultaram no aprimoramento do jiu-jítsu brasileiro como sistema de combate e juntamente com a estratégia de Carlson em recrutar jovens da classe-média contribuíram sobremaneira para a explosão da prática do jiu-jítsu na década de 1980.

Mudanças nas esferas políticas e sociais no Rio de Janeiro foram variáveis igualmente importantes para se entender esta expansão demográfica e a recuperação do prestígio do jiu-jítsu. No começo da década de 1980, Leonel Brizola, inimigo fidalgo do regime militar retorna do exílio e faz sua *rentrée* política se elegendendo para o governo do estado do Rio de Janeiro e elegendendo correligionários para a prefeitura da capital. Como resultado, Robson e Carlson Gracie em virtude das ligações como o político gaúcho passam a desfrutar do apoio institucional ocupar cargos na burocracia do socialismo “moreno” de Brizola reinventando em escala regional a relação especial que cultivaram no passado com populismo de Vargas.⁴¹

Mudanças espaciais e aspectos sociológicos também contribuíram para expandir a prática do jiu-jítsu além dos tuneis que separavam a Zona Sul do resto da cidade. Os setores médios da população carioca respondem a espiral de violência urbana na década de 1980 buscando refúgio atrás dos muros de condomínios em áreas de fronteira urbana aberta como a Barra da Tijuca (CALDEIRA, 2000). Para os jovens moradores destas comunidades fechadas o discurso hipermasculino e o estilo de vida proposto pelo jiu-jítsu funcionam como magnetos. Como resultado, um esporte de combate forjado em profunda desigualdade transforma-se em uma arma poderosa em atos de violência crescente envolvendo jovens da classe média carioca. A mídia, tradicionalmente uma poderosa aliada dos Gracie, fecha o cerco sobre a família e manipula os eventos de forma sensacionalista como se a prática do jiu-jítsu fosse a origem e não a consequência da violência estrutural intrinsecamente ligada a sociedade brasileira (DA MATTA, 1982).

Não obstante, estar repetidamente associado a surtos de violência nos jornais cariocas, o processo de popularização evolução técnica do jiu-jítsu torna-se irreversível, graças a

³⁹ Rolls morreu em 1982, com 31 anos, em um acidente de asa delta.

⁴⁰ O Sambo foi desenvolvido, a partir do judô na época ainda chamado jiu-jítsu, na década de 1930 na então União Soviética.

disseminação entre a classe média. Porém, a redenção e consagração da prática do jiu-jítsu e de seus inventores não estava no Brasil, mas sim a milhares de quilômetros nos Estados Unidos. A imigração de brasileiros em números significativos é um fenômeno recente que ocorre a partir da década de 1980. Para os membros da família Gracie, assim como para milhares de outros brasileiros de diversos segmentos sociais, o “sonho americano” passa a ser uma opção. Rorion Gracie, filho mais velho de Hélio, tenta recriar no sul da Califórnia o microcosmo praiano carioca que ele julga ideal para a prática do jiu-jítsu. Após trabalhar em ocupações subalternas, como parte dos rituais de passagem imigrante, Rorion se emprega em Hollywood como dublê e coreógrafo de cenas com artes marciais. Finalmente em 1989, de forma análoga ao Brasil, a imprensa local catapultou o estilo Gracie para a celebridade. Em uma longa entrevista para a *Playboy* americana, Rorion desafia a narrativa oficial da família já cristalizada em forma de “tradição inventada” (HOBSBAWM & RANGER, 1983) enfatizando os conceitos hipermasculinos e patriarcais que norteavam o pensamento sua família, assim como a cultura de violência que permeava o jiu-jítsu reinventado no Brasil.

Incidentalmente, a atmosfera nos Estados Unidos na “Era Reagan” não poderia ser mais propícia ao discurso agressivo de Rorion Gracie. Após o governo Jimmy Carter, considerado por muitos como “feminino”, a agenda política do eterno *cowboy* Ronald Reagan baseava-se em flexionar os músculos do establishment norte-americano adormecidos desde a Guerra do Vietnam. A indústria do cinema em Hollywood, como em outras ocasiões, cerrava fileiras com a nova diretriz da política externa norte-americana produzindo filmes movidos a testosterona para projetar nas telas as fantasias do subconsciente coletivo norte-americano (JEFFORDS, 1994).

Entrementes, Rorion e seus irmãos mais novos, com destaque para Rickson, já colocavam em prática estratégias de marketing amplamente testadas no Brasil que consistia em desafiar aleatoriamente lutadores de outras artes marciais para combates sem regras. Estes e outros confrontos de rua no Rio de Janeiro, juntamente com a “versão Gracie” sobre a história do jiu-jítsu no Brasil, foram reunidos em vídeos e comercializados nos Estados Unidos.⁴²

O vídeo repleto de cenas violentas caiu nas mãos de um produtor de televisão novaiorquino radicado na Califórnia que imediatamente percebeu o potencial das performances dos Gracie na indústria norte-americana de entretenimento sedenta por atrações exóticas e

⁴¹ Em 1983, Robson Gracie é nomeado para o cargo de presidente da SUDERJ (Superintendência de Desportos do Rio de Janeiro).

violentas. Finalmente, em 1993, Rorion, secundado pelo produtor norte-americano Art Davies, concretiza o projeto chamado UFC que faz seu debute em Denver, Colorado.

Ao recrutar seu inexperiente e franzino meio-irmão Royce, Rorion planejava pôr em prática uma estratégia repetidamente testada no Brasil, que consistia em criar um confronto do tipo “Davi-Golias” que invariavelmente causava grande impacto nas plateias. A longa experiência dos Gracie neste tipo de espetáculo demonstrava que indivíduos com físicos avantajados eram invariavelmente presas fáceis para os lutadores da família.

A formula dos Gracie foi um sucesso retumbante. Nas primeiras três edições do UFC o “azarão” Gracie surpreendeu as plateias norte-americanas que por décadas associavam o conceito de “artes marciais” ao Extremo Oriente. O jiu-jítsu brasileiro, ao contrário do estilo acrobático dos orientais, era uma luta agarrada, quase que exclusivamente voltada para o combate no solo. Portanto, a revolução promovida pelos Gracie no mundo globalizado das artes marciais foi demonstrar que o lutador que estava por baixo podia estar vencendo a luta. Nada poderia ser mais emblemático nos Estados Unidos do que uma família de imigrantes latino-americanos ser capaz de derrotar seus musculosos anfitriões e os agílimos orientais.⁴³

O vastíssimo aparato de segurança norte-americano foi outro nicho importante devidamente explorado pelos Gracie. Na polícia de Los Angeles, por exemplo, a *raison d'être* para adotar o jiu-jítsu brasileiro foram os distúrbios raciais ocorridos em 1991 após policiais espancarem selvagememente o afro-americano Rodney King. Em unidades de elite das forças armadas envolvidas em guerras assimétricas, o jiu-jítsu brasileiro é empregado como técnica de combate aproximado e como recurso psicológico para fortalecer o espírito de corpo das tropas norte-americanas.

Uma das consequências da mudança dos Gracie para os Estados Unidos foi o acirramento das disputas internas. Isto fica evidenciado na escolha de Royce para representar a família nos três primeiros UFCs. Rickson, irmão de Rorion, era na ocasião o melhor lutador do Brasil, mas o choque de personalidades leva o primeiro a abrir no Japão uma nova fronteira para os desafios entre arte marciais. Outrossim, o retorno do jiu-jítsu brasileiro a sua origem tinha um valor simbólico para os japoneses que viam com nostalgia um Japão diaspórico que havia florescido no distante Brasil. Este retorno, após quase um século, foi cuidadosamente planejado e executado. Ao contrário do público norte-americano, no Japão os

⁴² Rorion Gracie produziu em 1991 dois vídeos em uma série chamada *Gracie jiu-jítsu in Action*.

⁴³ Isto refletiu no status migratório, “possuidores de habilidades excepcionais”, (O-1 working visa) no qual os Gracie e outros praticantes brasileiros passam a ser categorizados pela burocracia estatal norte-americana lhes garantindo uma posição em um mercado de trabalho altamente competitivo.

rituais eram tão importantes quanto a habilidade marcial. Rickson, ajudado por um *physique du rôle* ideal, uma performance Gracie orientalizada e uma técnica impressionante encanta as plateias japoneses ao personificar um samurai tropical pós-moderno que emerge nas arenas de uma sociedade *high tech*.⁴⁴

Simultaneamente ao sucesso nos Estados Unidos e no Japão, a prática do jiu-jítsu brasileiro se espalha por todo o globo. Incluindo destinos considerados exóticos como o Oriente Médio onde o jiu-jítsu foi apaixonadamente adotado pelas cabeças coroadas da região e se tornou parte do currículo do sistema educacional no Emirado de Abu Dhabi. A transformação do em uma empreitada empresarial global e profissionalmente bem estruturada passou a contrastar com a forma desorganizada e amadorística de sua organização no Brasil. Assim, entidades extremamente eficientes surgem nos Estados Unidos, administrada por membros da família Gracie, que exercem um controle direto e normativo sobre a prática do jiu-jítsu criando ambientes étnicos (APPADURAI, 1996) como resultado de competições internacionais e o cotidiano nas academias de jiu-jítsu espalhadas por todo o país.

O sucesso internacional do jiu-jítsu brasileiro ocorre em grande parte para atender uma demanda global de jovens ávidos por novos ritos de masculinidade de caráter agressivo, que por sua vez refletiam a violência política nas esferas nacionais e internacionais (APPADURAI, 1996). No entanto, ao contrário de seus congêneres asiáticos, o processo transnacional capitaneado pela família Gracie não foi produto do marketing da indústria cinematográfica de Hollywood ou Hong Kong. Antes, foi a repercussão mundial do fenômeno criado pelos Gracie que gerou um novo nicho cinematográfico avidamente explorado pelos estúdios norte-americanos e asiáticos.

Por último, não deixa de ser emblemático que os Gracie e a prática do jiu-jítsu brasileiro, como produtos forjados em uma sociedade marcada pela desigualdade e autoritarismo, conseguiram se inserir em outros projetos nacionalistas tão díspares, como a democracia norte-americana e a monarquia tribal absolutista em Abu Dhabi, assim como simultaneamente se projetar no mundo globalizado como símbolos bem-sucedidos da violência *made in Brazil*.

⁴⁴ Descrito pelo fotografo norte-americano Bruce Weber como “arbatadamente atraente possuidor de um olhar impassível que denotava extrema confiança, corpo muscular, corte de cabelo militar, maçãs salientes de um guerreiro Inca e maxilar quadrado.”

Referências

APPADURAI, Arjun (Ed.). **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

_____. Playing with Modernity: The Decolonization of Indian Cricket. In: APPADURAI, Arjun (Ed.). **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, p. 89-113.

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinities: Football, Polo, and the Tango in Argentina**. Oxford (UK): Berg Publishers, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **In Other Words: Essays Towards a Reflexive Sociology**. Palo Alto: Stanford University Press, 1990.

CAIRUS, José A. T. **The Gracie Clan and the Making of Brazilian jiu-jítsu: National Identity, Culture and Performance, 1905-1993**. 2012. 269 p. Ph. D. (Thesis). Faculty of Liberal Arts and Professional Studies, Department of History, York University, Toronto, ON, Canada.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. **City o Walls Crime, Segregation, and Citizenship in São Paulo**. Berkeley: University of California Press, 2000.

CARVALHO, José M. de. Brazil 1870–1914 – The Force of Tradition. Cambridge, **Journal of Latin American Studies**, vol. 24, 145-162, March 1992.

HOBSBAWM, Eric and RANGER, Terence O. **The Invention of Tradition** (Eds.) Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1992.

HOLLANDA, Heloisa B. **Impressões de Viagem – CPC, vanguarda e desbunde**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

JEFFORDS, Susan. **Hard Bodies: Hollywood Masculinity in the Reagan Era**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1994.

KHALDUN, Ibn. **The Muqaddimah: An introduction to history**. Princeton: Princeton University Press, 1969.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, Malandros E Heróis: Para Uma Sociologia Do Dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. **Violência Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

OWENSBY, Brian P. **Intimate Ironies: Modernity and the Making of Middle Class Lives in Brazil**. Palo Alto: Stanford University Press, 1999.

RODRIGUES, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

STRAUBHAAR, Joseph D. "Mass Communications and the Elites." In: CONNIF, Michael L. and MCCANN Frank D. (Eds.) **Modern Brazil: Elites and Masses in Historical Perspective**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1991, p. 225-245.